2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 26. QUINTA FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES.

No dia 30 do mez passado a Academia de Bellas-Artes de Lisboa celebrou a abertura de sua exposição, que se dignaram honrar com sua presença suas magestades a rainha e seu augusto esposo, que com sua costumada affabilidade, e como perfeito conhecedor e muito estudioso das artes de desenhos, dirigiu aos alumnos premiados palavras de louvor e de incentivo ao progresso em seus futuros trabalhos.

Falta-nos por agora o tempo para darmos circumstanciada noticia, e por isso quanto á parte da historia da Academia transcrevemos o relatorio do seu secretario; e porque este instituto, como todas as coisas uteis entre nós, tem sido victima de detractores, ou acintosos ou mal informados, copiamos, como a melhor resposta, alguns trechos do discurso recitado naquella solemne occasião pelo benemerito professor, o sr. Francisco de Assis Rodrigues, tão distincto artista quanto versado em materias de erudição, como attestam suas obras de esculptura e seus escriptos.

SENHORA!

Nove annos tem decorrido que celebrou a sua sessão, e exposição publica, a Academia das Bellas Artes de Lisboa; e, se desde então tem deixado de cumprir este preceito, que lhe é ordenado pelos artigos 90.º, e 100.º dos seus estatutos, a causa desta falta não foi por certo da Academia, mas sim das revoluções politicas, que a obrigaram por duas vezes a interromper os seus trabalhos, fechando as suas aulas; e tambem a occupação das suas mais importantes casas de estudo por dois corpos militares; accrescentando a todas estas circumstancias a falta de recursos para occorrer a estas solemnidades. Graças ao illustrado governo de vossa magestade, que, movido pelo bem das artes, e por effeito de seu patriotismo, soube superar as difficuldades com que tem lutado a Academia, ministrando-lhe os necessarios meios para fazer hoje a sua sessão publica, e gozar da inapreciavel honra de vêr a vossa magestade em seu gremio.

Com quanto que mui prolongada fosse a occupação dos dois corpos militares, a Academia tem aberto as suas aulas a todos que as tem querido frequentar, tanto de dia, como de noite nas estações invernosas, excepto nos annos de 1846 a 1847, e de 1847 a 1848, pelo estado politico da capital, e por se haver tomado a casa em que se davam as lições de architectura civil, não podendo os officiaes e aprendizes de officios mechanicos e artes fabris, receber a precisa instrucção.

Achando-se até então a Academia mui circumscripta, as suas aulas diurnas foram, e teem sido frequentadas por grande numero de discipulos, pois que os matriculados no presente anno lectivo, com os dos annos antecedentes, sóbem ao numero de 490: e desde a sessão e exposição publica de 1843, destes obtiveram o partido de 20$000 réis, nos concursos da aula do desenho historico, 52. — Em concurso triennal de 1646, na aula de pintura historica, foi premiado com a medalha de prata, *João Macphail;* — na de esculptura, com igual medalha, *Angelino da Cruz Silva e Castro;* — e na de architectura civil, tambem com igual medalha, *Pedro Baptista Monteiro.* Estes premios foram entregues aos candidatos, em conformidade da portaria do ministerio do reino, de 21 de agosto de 1847.

Em concurso triennal, na aula de pintura historica, em 1849, foi premiado com a medalha de oiro, *José Rodrigues;* e com a honra do *acessit*, *João Macphail*, — com a medalha de prata, o surdo-mudo *Francisco José Marques* e com a honra do *accessit*, *Zeferino Augusto Teixeira:* — na aula de

esculptura, com a honra do *accessit*, *José Maria Caggiani*: — e na de architectura civil, com a medalha de prata, *Rafael José Fragoso*.

No presente concurso triennal da aula de pintura historica, foi premiado com a medalha de prata, *Joaquim Lopes da Cruz*: em concurso da aula do desenho historico, no anno lectivo findo, obtiveram o partido de 20$000 réis, *Julio Augusto da Motta Mera*, *João Pires Gomes*, *João Baptista Minas*, e *Joaquim Gregorio Nunes Prieto*: obtiveram a honra do *accessit*, *Ernesto Vasco da Cunha Franco*, *José da Luz*, e *Domingos Parente da Silva*.

Não teem sido menos frequentadas as aulas nocturnas nestes ultimos annos pelos estudantes fabris, e por pessoas curiosas, pois que o seu numero no inverno passado subiu a 88, devendo accrescentar-se a este numero os que já se acham inscriptos para serem leccionados no presente anno.

Os professores sempre desvelados no desempenho de seus deveres, leccionando de dia e de noite a numero tão crescido de discipulos, poderam apresentar n'esta exposição publica as obras de sua propria invenção e execução, em conformidade do artigo 24.º dos estatutos da Academia.

Não deixarei de expor a vossa magestade, que, se os professores teem em tudo desempenhado as obrigações de que estão cercados; os artistas, digo, os academicos de merito, e artistas aggregados á aula de pintura historica, se teem empregado em copiar varios quadros classicos de reconhecido merecimento, e na restauração de outros existentes na Academia.

Os aggregados á aula de esculptura executaram pelos modêlos, e sob a direcção do professor proprietario da respectiva aula, e director geral da Academia, *Francisco de Assis Rodrigues*, toda a escultura que orna o *frontão*, e o *attico* do theatro de D. Maria II, cuja obra começou em fevereiro de 1845, e terminou em maio de 1848; e se uns e outros se tornaram dignos pelo bem que desempenharam estas tarefas, os aggregados á aula de architectura civil não teem estado em occiosidade, pois uns teem sido empregados pelo governo de vossa magestade em differentes commissões, e outros incumbidos de desenhar varios projectos de architectura: finalmente os da aula de gravura historica continuam a occupar-se de gravar os quadros dos nossos pintores.

Mas, senhora, a Academia sempre sollicita no adiantamento dos discipulos que a frequentam, tem ampliado, e feito novas edições dos elementos de desenho, confeccionados pelo professor da aula do desenho historico, *Joaquim Rafael*; e bem assim dos compendios de geometria, architectura e perspectiva, compilados pelo professor substituto da aula de architectura civil, *José da Costa Sequeira*; e apezar dos poucos meios de que a Academia póde dispôr, tem comprado alguns livros para instrucção dos discipulos, e mais artistas; e ella não deve deixar em silencio a primorosa obra de architectura civil do cavalheiro *Luiz Canine*, de cinco volumes de estampas, em folio, e dez volumes de texto, que o actual ministro e secretario de estado dos negocios do reino, inspector geral da Academia, mandou comprar e offerecer para uso, e exercicio dos estudos academicos.

A Academia teve a satisfação de propôr ao governo de vossa magestade, para academicos de Merito, e honorarios, durante este periodo, a sua emminencia o actual cardeal patriarcha, a *Luiz Pereira de Menezes*, e *Maximo Paulino dos Reis*, pintores historicos, a *José Jaques Forrester*, a *D. Rosa Wbelarte da Motta*, a *D. Balbina Emilia Rafael*, e ao bacharel *José Joaquim da Silva Pereira*. Mas a par destas novas e bellas acquisições, a Academia tem a deplorar a perda de seu illustre director geral, o doutor *Francisco de Sousa Loureiro*, lente de prima da universidade de Coimbra, um dos principaes ornamentos da litteratura portugueza: — dos dois seus distinctos professores, *Benjamin Comte*, bem conhecido em toda a Europa, e fóra della, por suas gravuras classicas, e *André Monteiro da Cruz*: — do academico honorario o emminentissimo cardeal *Saraiva*; e dos academicos de merito *Luiz José Pereira de Rezende*, e *Manuel Joaquim de Sousa*.

Senhora! para não cançar mais a attenção de vossa magestade, como orgão que sou da Academia, e no desempenho dos meus deveres, cumpre-me fazer notar quam sensivel lhe tem sido a falta de bons originaes das estatuas e obras do *antigo*, para uso dos respectivos estudos, por estarem muito gastos e damnificados pela acção do tempo os que existem.

A academia confia nos bons desejos do governo, que fará dar execução á carta de lei de 23 de abril de 1850, que o authorisou para esta compra com a somma de 600$000 réis; assim como espera se verifique a compra dos quadros classicos, que pertenceram á fallecida imperatriz rainha, a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, de saudosa recordação, cujos quadros se acham para este fim separados no paço da Bemposta. Os discipulos, pois, que hoje vão ter a honra de receber das reaes mãos de vossa magestade o premio de seus estudos e fadigas são os discipulos da aula de pintura historica, *José Rodrigues*, premiado com a medalha de ouro:

Os discipulos da mesma aula premiados com a medalha de prata, *Francisco José Marques*, e *Joaquim Lopes da Cruz*.

O discipulo da aula de architectura civil, premiado com a medalha de prata, *Rafael José Fragoso*.

Academia das bellas-artes de Lisboa em 2 de dezembro de 1852. — *Francisco Vasques Martins*, processor substituto, e secretario.

EXTRACTO DO DISCURSO DO SR. ASSIS.

Com o benefico auxilio das artes do desenho conhecemos a religião, os costumes, os usos, a architectura civil e militar dos differentes povos, e na-

ções: distinguimos os animaes, as plantas, os mineraes; e n'uma palavra, conhecemos tudo quanto os olhos e a imaginação podem vêr, e conceber, a mão e o pensamento podem, e sabem representar. É pois indubitavel, que as artes plasticas são um bello e excellente dialecto, uma linguagem universal, pela qual o ente racional aperfeiçoa e acaba a arte maravilhosa de communicar seus pensamentos, uma das qualidades que constituem a nobreza e dignidade do homem: por ellas corrigimos os erros, emendamos os costumes, praticamos a virtude, e até adoramos a divindade.

E se acaso as artes do desenho, para conseguirem tão uteis e proveitosos fins, se soccorrem de outras artes e sciencias, não é egualmente certo que estas sciencias e artes se valem das do desenho para conseguirem o seu progressivo adiantamento? Não é por meio do desenho que aprendemos a geografia, a botanica, e muitos outros ramos das sciencias naturaes e filosoficas? Não é o estudo das artes do desenho tambem muito util ás artes mecanicas, ou officios fabris? Ah! que vasto campo se abre agora a meus lhos, quando considero nas utilidades que as artes fabris e industriaes colhem das luzes das artes plasticas! Ellas não só concorrem para a educação das pessoas civilisadas, que devem aprender o desenho, como Platão diz que aprendera, junto com as mais sublimes sciencias, a fim de se habilitar a bem julgar do bello, mas tambem devem fazer parte da instrucção dos povos. Sim, é pelas regras de geometria pratica, do desenho linear, e de outros ramos das artes plasticas, que os artifices podem conhecer e avaliar a medida, as proporções, e a elegancia de seus artefactos: é este um dos grandes meios de se melhorarem e aperfeiçoarem os moveis, os utensilios, os trajos, os enfeites, e as mais pequenas cousas do nosso uso domestico e civil. Ás felizes applicações destes estudos devem, em grande parte, a Allemanaa, a França, a Belgica, a Inglaterra, a Hespanha, e mesmo o nosso Portugal, o aperfeiçoamento de suas manufacturas, o credito e consumo de seus productos, o augmento e riqueza de seu commercio.

Quando discorro por este modo, não pareça, senhores, que sou exaggerado, ou que pertendo requintar encarecimentos para sustentar paradoxos: este sentimento meu é o sentimento da verdade fundado na rasão e na experiencia; é o sentimento de todos os auctores entendidos na materia de que tracto. São os nossos olhos, e o nosso coração, naturalmente attrahidos pela boa configuração, ou pela elegancia das fórmas dos objectos que se lhes presentam; e quando nelles reluzem tão excellentes qualidades, somos docemente chamados, e convidados á sua compra e adquisição. E se isto acontece nos objectos de mero luxo, quanto maior apreço e consumo não devem ter aquelles, que verdadeiramente são considerados de primeira e reconhecida utilidade, para com elles se satisfazerem as mais indispensaveis precisões e commodidades da vida social e civil?

Taes são, senhores, as utilidades produzidas pela academia. É certo e geralmente reconhecido, que ella tem desempenhado os dois fins da sua instituição, isto é, criar artistas doutos, e diffundir as regras do desenho pelas classes fabris e secundarias. Não tem ella a gloria bem fundada de ver hoje occupando cadeiras publicas a alguns de seus discipulos; a um regendo os estudos de desenho na eschola polytechnica, e a outro no collegio militar, sendo ambos providos nestes honrosos lugares por meio de concurso publico [1]? Não é igualmente certo, que ao presente estão propostos dois para serem providos nos lugares de professor proprietario, e de substituto da cadeira de desenho, annexa á faculdade de mathematica da universidade de Coimbra [2]: e outros dois para o provimento das substituições vagas das cadeiras de pintura de paizagem, e de gravura historice desta academia [3], e todos os oppositores discipulos della, e pela mesma propostos em concurso para os ditos lugares do magisterio? Sobre estes discipulos benemeritos, que ou se acham proximos a ensinar onde aprenderam, ou já estão regendo cadeiras nas primeiras escholas, e academias do paiz, não ha tambem outros muitos, que, ou exercitam as bellas-artes com satisfação publica, ou se empregam com louvor e distincção em varias repartições do estado [4]?

Se dos discipulos benemeritos, que tiveram o curso completo de estudos academicos com o destino de professarem as artes nobres de pintura, esculptura, e gravura, passarmos a considerar os individuos, que vieram á academia aprender os elementos de desenho, e as primeiras e indispensaveis noções das bellas artes, applicadas á pratica das differentes artes mecanicas ou fabrís, que numero innumeravel de estudantes habeis tem ella ensinado e habilitado, para serem com proveito empregados nos arsenaes do exercito, e da marinha, na repartição das obras publicas, e em varias outras, na qualidade de lavrantes, entalhadores, canteiros, carpinteiros, alveneos: ou para trabalharem nestes e outros misteres, em officinas e lojas particulares de ourives, marceneiros, serralheiros, e de todos os officios que abrange a populosa e magnifica Lisboa! E não será justo confessar, que aos estudos e applicações do desenho, que a academia lhes tem facilitado nas horas de dia, e, com sacrificio de seus professores, até nas horas nocturnas, durante as estações invernosas, para commodidade dos mesmos estudantes, se devem, em grande parte, a elegancia, o gosto, e a polidez com que elles desempenham os seus artefactos, muitos dos quaes podem rivalizar com os melhores, que se fabricam nos reinos estrangeiros, como se ha observado nas ultimas exposições publicas?

São logo, senhores, falsas e infundadas as accusações e doestos, que individuos apaixonados, ou escriptores pouco sizudos, teem levantado, e publicado contra a academia, quando fallam tão alto as provas da sua utilidade, e quando tão vivos e notorios são os testimunhos a que me refiro. Mas, que muito é que elles assim queiram offuscar as utilidades, e a

[1] Os srs. João Pedro Monteiro, e Angelino da Cruz Silva e Castro.

[2] Os srs. Antonio Thomaz da Fonseca, e Antonio Victor de Figueiredo Bastos.

[3] Os srs. Thomaz José da Annunciação, e Joaquim Pedro de Sousa.

[4] Os srs. Frederico Augusto Metrass, Joaquim Antonio Marques, Valentim José Corrêa, Frederico Augnsto de Campos, José Ignacio Novaes, José Rodrigues, José Maria Caggiani, Manuel José Rodrigues Lata, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, João Macphail, e outros.

gloria do estabelecimento, se contra todos os mais, e até contra as pessoas de mais elevado caracter, e eminentes qualidades, não deixam de lançar traços de negra calumnia, com que pertendem escurecer seu credito, e aniquilar sua fama, abusando grosseiramente da lei, que prescreve os limites á liberdade de escrever? Certo, que esses detractores fallam do que não intendem, e comtudo atrevem-se a pezar e marcar quilates ao merito e capacidade dos professores e artistas d'academia, de quem elles nem são, nem podem ser verdadeiros contrastes... Porém, eu peço, senhores, que por mais um momento se dignem prestar attenção ao que passo a dizer, e reflectir sobre a principal causa da menos consideração e importancia, que se ha dado, e dá ainda hoje á academia, e com estas reflexões terminarei o meu discurso.

Tem-se infelizmente confundido em parte as bellas artes com as artes mecanicas; e desta confusão de idéas e de objectos nasce a menos importancia, em que são tidos e estimados os que ao merito de professores de artes nobres juntam os procedimentos do homem de bem. O amor proprio bem regulado é o agente mysterioso, que anima e vivifica o espirito de todas as sciencias e artes: e por mais que uma affectada indifferença, ou falsa philosophia, queira nivelar as estaturas e condições do homem, é já tempo de conhecer, que esse desprezo das distincções não é mais que a mascara, com que se cobre o mais fino e estudado orgulho. Tem-se, pois, emparelhado o architecto com o mestre d'obras, o estatuario com o canteiro, o pintor com o broxante: baralhadas por este modo as idéas de arte scientifica, e de officio mecanico, não nos maravilhe, que no centro da capital se notem graves erros em obras de bellas artes: não nos espante, que na fachada de um templo [5], ha pouco ultimado, appareçam taes desacertos, que saltam aos olhos das pessoas menos versadas nas leis da architectura: que se levantem chafarizes, que mais semelham tumulos de idade media, do que fontes de utilidade e de recreio [6]; porque qualquer se arvora e constitue a si proprio em architecto, em pintor, em estatuario; porque os telheiros dos canteiros converteram-se em laboratorios de esculptura, onde, entre os silhares, as molduragens, e os ornamentos, que elles cortam e esculpem com perfeição proverbial, apparecem tambem estatuas tão frias como a pedra de que são feitas, e imagens, que fazem gelar a devoção no peito.

Lembremo-nos, porém, senhores, que os edificios, as estatuas, os quadros, e em geral, todas as obras de bellas-artes, são, como tantas vezes se tem dito, a expressão do estado da sociedade, e os testimunhos publicos da civilisação de um povo; e que este só póde civilisar-se, quando tiver uma illustração propria e adequada aos differentes officios que exercer; e não pela illimitada licença em se abalançar, sem talentos, e sem estudos, a representar as obras mais complicadas e difficeis da natureza e da arte. Com effeito, póde algum homem mediocremente instruido desconhecer, quaes sejam os muitos e variados estudos, absolutamente indispensaveis áquelle, que se dedica á profissão das bellas-artes, para conseguir a perfeição a que aspira, e para merecer o conceito e consideração, que ainda hoje tributamos aos grandes mestres, cujas obras primorosas nos servem de regra e guia, em nossos laboriosos estudos e emprezas? Ignora-se acaso, que Miguel Angelo, discipulo do Ghirlandajo, estudára largos annos o desenho, a anatomia, e a physiologia, que ouvira as lições e conselhos de Angelo Policiano, e que consumíra a vida dilatada que viveu no estudo das sciencias subsidiarias da pintura, esculptura, e architectura, para chegar a produzir — a *estupenda pintura do Juizo universal* — a *sublime estatua de Moysés* — e a *vasta cúpula da Basilica de S. Pedro?* Não é notorio, que desde os primeiros annos Rafael se entregára ao constante e porfiado estudo das artes do desenho, ouvindo as lições do Peruggino, rectificadas depois com as de fr. Bartholomeu de S. Marcos, e com os exemplos do Mosaccio, e das obras do *antigo*, para merecer e adquirir o epiteto de *divino?* Mas, para que é reproduzir argumentos diante de quem melhor do que eu conhece que, além de grande talento, se requerem muitos estudos, incansaveis fadigas, e continuada pratica, para que um quadro, uma estatua, um edificio, uma gravura, possam com justiça merecer a estimação, o valor, e o assombro, com que ainda hoje vemos e admiramos — a *Transfiguração* — o *Apollo* — o *Pantheon* — e a *Cea de Leonardo de Vincl?*.. E se ainda assim algumas vezes erraram, ou erram, como homens, aquelles que ao engenho natural ajuntam as necessarias habilitações, que se deve esperar dos que não possuem uma nem outra cousa?

Sejam pois livres as bellas-artes para todos que as pertenderem estudar ou exercitar; porém, não se confunda a liberdade com a licença. Por ventura póde orar em publico tribunal, ou tomar sobre si a defensa de causas forenses, quem se não achar para isso devida e legalmente habilitado? Póde acaso exercer publicamente a medicina o charlatão boçal e inepto, desvirtuando a sciencia, e invadindo com despejo e ousadia as profissões alheias? Pois seja tambem coarctada a licença de desacreditar a nação, de formar publicamente múmias, de fabricar casas irrisorias, e de pintar monstros tão feios como nol-os pinta Horacio. *Pictoribus atque Poetis quid libet audendi* [7]; mas esta liberdade, que deve ter os limites que lhe prescreve o lyrico latino, é concedida aos pintores, aos esculptores, aos architectos, e a todos os artistas legitimos, que aprenderam a fundo, e consumiram os annos em adquirir as precisas habilitações para o serem, e não aos moldadores, aos bofarinheiros, e aos pseudo-artistas, que devem conter-se na orbita de seus particulares misteres. Sejam elles muito embora imaginarios de devoção, como se explica o nosso Vieira: porém não apresentem em logares publicos esses ricos feitios, que só servem de deprimir, e desacreditar os artistas nacionaes; porque se as artes em Portugal não teem ainda tocado a ultima perfeição, é comtudo evidente, que ellas já passaram muito além dos annos da infancia, como o provam as obras immortaes dos Vascos, dos Campelos, dos Avelares, dos Vieiras, dos Silvas, dos Cas-

[5] Parochia de S. Nicoláo.

[6] Em Belém, em Alcantara, no largo do Corpo Santo, etc.

[7] Horacio, na arte poetica.

tros, dos Sequeiras, e o confirmam os trabalhos estimaveis de seus dignos e benemeritos discipulos.

PRODUCÇÃO DO ALGODÃO.

Indias Orientaes.

(Continuado de pag. 291.)

O tribunal de commercio de Bombaim indicou medidas que lhe pareceram as mais efficazes, a fim de remediar estas numerosas imperfeições. Notou que a classe dos cultivadores chamados *ryots* achava-se na posição a mais deploravel; seus campos estavão hypothecados, e o seu trabalho anticipadamente onerado e sujeito. São os traficantes chamados *wakarias* que adiantam ao camponez da India o dinheiro que lhes é necessario para semea as suas terras, e pagar os impostos; o preço da colheita é por elles regulado antes da sua madureza, e algumas vezes mesmo antes de semeada.

Desanimado por uma divida que tem de prival-o de qualquer beneficio, o cultivador perde absolutamente aquelle ardor e actividade que constituem o privilegio dos que trabalham na esperança de melhorar a sua condição; desta sorte a sua molleza e desmazello sabem apenas prover aos cuidados mais essenciaes da cultura.

O tribunal de commercio satisfaz á terceira questão relativa á extensão da plantação de algodoeiro destinada a supprir as necessidades do consumo crescente na Inglaterra, dando conta da situação e recursos dos diversos districtos da sua jurisdicção:

« O Guzzerate não [1] parece susceptivel de progresso algum, por quanto todas as terras de algodão tem já sido cultivadas. A parte do Decan [2] directamente submettida ao dominio britannico, não produz senão uma pequena quantidade de máo algodão que é consumido pela população hindou; não era possivel augmental-a sem abrir irrigações ao menos mui difficeis. Mas o territorio do Nizam e do Berar dão abundantes colheitas.

« O algodão do Decan amadurece mais depressa que o do Guzzerate, e julga-se que poder-se-hia obter um acerescimo consideravel de producção. Os dois Concans [3], onde o espaço das terras actualmente cultivadas é mui restricto, poderiam tambem com facilidade fornecer maiores porções de algodão. No Kattiwar, e no Kandeish, nada falta para dar desenvolvimento á cultura, senão uma situação mais pacifica. O Malwah em fim parece susceptivel de dar tambem ricas colheitas. »

As provincias que não dependem da presidencia de Bombaim não são mencionadas no relatorio.

Quanto a applicação dos capitaes á plantação do algodoeiro, o tribunal de Bombaim « considera esta medida como a mais importante entre todas, e sua realisação como essencialmente necessaria ao bom exito de um systema geral de melhoramento.

» Até então os grandes capitalistas, nem por si mesmos, nem pelos seus agentes, se tem estabelecido nos districtos onde se cultiva o algodão. As vinte ou trinta casas européas de Bombaim não tem, pela mór parte, mais que dois associados, cujo tempo é absorvido por outros negocios que não lhes permittem associações agricolas. Comtudo, uma ou duas vezes, estas casas mandam agentes comprar as colheitas de algodão; mas as suas operações são embaraçadas pelos *Wakarias*, commerciantes hindous, dados a este negocio.

« Os capitalistas de Inglaterra não ensaiáram a cultura do algodão na India porque ella lhes não offerece no estado presente nenhuma probabilidade rasoavel de beneficio, e a do lucro é o unico incentivo que póde movel-os. Elles encontrariam obstaculos de toda a especie. É quasi impossivel obter informações exactas quanto a circumstancias locaes; a companhia das Indias não permitte arrendamentos cuja duração exceda 21 annos; os Wakarias combatem abertamente todas as especulações européas, ou antes offerecem os seus serviços sob condições mui onerosas; a cultura da planta é difficil mechanicamente; os costumes da população hindou são uma nova fonte de difficuldades moraes não menos difficeis de superar; emfim, o preço das vendas está longe de garantir a certeza de lucros reaes. »

Apreciando todas estas circumstancias, o tribunal de commercio julgou dever recommendar com empenho duas medidas que lhe parecem indispensaveis para attrahir os capitaes. Uma consiste em obter da companhia das Indias condições mais liberaes, duração mais longa na concessão das terras aos lavradores; outra será a creação de algumas fazendas de ensaio, onde todos os processos, desde a sementeira até o embarque do algodão, sejam aperfeiçoados, não com o fim de qualquer lucro, mas com a unica intenção de mostrar ao publico o que se póde fazer ou esperar nas diversas provincias da peninsula.

Em 1848 a camara dos communs nomeou uma commissão para examinar a questão da cultura do algodão na India, e a ella foram apresentadas as respostas do tribunal de commercio de Bombaim, bem como outros documentos importantes. O relatorio que produziu este inquerito assignalou algumas circumstancias que promettem aguardar melhor futuro.

[1] Provincia situada ao nordeste da peninsula indiatica: Surrate é a sua principal cidade.

[2] Sob a denominação de Decan comprehendia-se antigamente toda a parte meridional da India; porém, não se tracta aqui senão das provincias situadas ao nordeste e ao oriente de Bombaim: taes são o Nizam, o Berar, o Kattitawar, o Kandeish e o Malwah. O resto do Decan pertence hoje á presidencia de Madras.

[3] Provincias do littoral formadas pela encosta occidental na cordilheira dos Gattes, ao sul de Bombaim.

Em 1850, uma proposta relativa aos incitamentos que reclama a cultura do algodão na India foi desenvolvida perante a camara dos communs. O seu autor, Bright, lastimou que a administração da companhia não houvesse dado andamento algum ás recommendações expressadas em 1848, e pediu que se representasse á rainha, a fim de que uma commissão composta de pessoas competentes fosse nomeada polo governo de s. m., e mandada para a India, afim de estudar completamente a producção do algodão, os obstaculos que se oppõem ao seu desenvolvimento, bem como os meios de superal-os. O presidente da repartição das contas, sir John Hobhouse, oppoz-se á adopção da medida. Declarou que a companhia das Indias tinha feito no espaço de 60 annos esforços mui numerosos e constantes para que se pudesse pensar em retirar-lhe o direito de animar a cultura do algodão.

Ao mesmo tempo declarou que elle muito receiava que o solo da peninsula pudesse jámais produzir algodão sufficiente para crear uma concurrencia grave á Ameriea. « A mesma porção de terra, disse elle, produz muito menos na India que nos Estados-Unidos, e o algodão colhido é inferior em limpeza e finura. « Observou, ao terminar o seu discurso, que toda a população hindou traz vestidos de algodão, e que antes de podel-o vender para fóra é mister prover as necessidades de cem milhões de homens.

Uma carta de engenhoso desenho, que foi annexada ao relatorio da commissão de 1848, indica as exportações do algodão da India no periodo de 1796 a 1847. Linhas de seis differentes cores representam as quantidades exportadas de Calcutá, Madrasta, e Bombaim, e que foram vender-se em Inglaterra, China, e outros paizes do remoto Oriente.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXVII.

TANTAS VEZES A BILHA VAI A' FONTE!

« Deus é grande! » dizia interiormente o sr. Thomé das Chagas, desengatilhando os aguçados queixos da visagem devota, com que os armara para o peditorio, e despindo na sachristia da capella a pingada plaustra das almas. Até alli tinha-lhe tudo corrido vento em popa, excedendo a colheita da ultima semana as modestas esperanças. Cultivada com arte, a figueira de Judas estava carregada, e o virtuoso santanario com o seu desaforo usual contava comer os figos, e não lhe rebentar a bocca! As coisas iam de modo que a sr.ª Perpetua das Dores, economica e prevista, protestava que se a fortuna continuasse com tantos beneficios, dia de anno bom, que vinha á porta, a Mãe Sanctissima teria um manto de brocado novo, e Santo Antonio de Lisboa um habito de setim vistoso. É claro pois que a exclamação de « Deus é grande! » com que apanhámos em flagrante o continuador de Ambrosio Lamella queria dizer que elle batia outra moita, e confiava levantar a caça com a ajuda da sua inimitavel velhacaria.

Similhante a Luiz XI de França o nosso milagreiro costumava metter a côrte do céu nos seus planos. Punha-se de joelhos e fazia confidente das beatas extorsões algum dos bemaventurados, do qual blasphemava imaginando seduzil-o com promessas; passada, porém, a occasião deixava-as caír no esquecimento. Entretanto como ouvira que de votos não cumpridos está calçado o inferno, descubriu uma fraude pia para ficar bem na eternidade. Todos os annos, na commemoração dos fieis defunctos mandava dizer tres missas, pagando a esmola, e assistindo de joelhos e oculos perfilados com uma contrição capaz de enternecer. « Assim, resmungava elle, arranja-se tudo e logrei o demonio. Quando vier ás contas finaes, carregado com o fardo das minhas culpas, tenho as almas tiradas do purgatorio, que lh'as hão de sonegar a uma por uma; e eu leve e branco como as pombas irei lembrar ao senhor São Pedro as festas que lhe fiz para me abrir as portas do paraiso. » Segundo se observa, Thomé, capitalista de indulgencias, urdia menos mal os calculos das compensações devotas. As suas bancarotas ao divino podiam disputar a palma a muitas banca-rotas profanas, gloria de seus auctores.

Engolphado nas reflexões já deitava fóra da porta da capella os pés inchados de cotovellos, quando deu com os olhos no semblante boçal do escrevente do padre fr. João dos Remedios, que o vinha chamar da parte de sua reverendissima. O andador gostou pouco do encontro; e exhalando uma especie de suspiro, afivelou nas feições a mascara compungida da simplicidade seraphica, e principiou a subir muito de vagar os degráus da escada, que por dentro da egreja ía desembocar aos dormitorios. Por mais callejada que fosse a consciencia na pratica dos sete peccados mortaes, assustava-se ás

vezes com a idêa de ser colhido um dia, como os bugios, com a mão dentro do côco; e sem saber porque, o recado subito do procurador sobresaltou-o.

Remordiam-lhe na memoria certos receios e benzia-se com a mão esquerda, imaginando o que poderia succeder-lhe se o dominico viesse a perceber os bons e leaes serviços prestados por elle Thomé das Chagas, escravo das almas e de Nossa Senhora do Rosario, aos inimigos do convento do patriarcha inquisidor. Toda a sua inexgotavel impudencia e hypocrisia descorava occorrendo-lhe que se fr. João entregasse ao santo officio o exame do negocio, seria muito provavel que não saísse de lá sem uma camisa de pez no corpo, e uma mitra de carochas na cabeça. Eis o motivo porque as seccas tibias do nosso amigo se arrastavam mal, e porque elle appareceu na presença do pregador com bastante prisão na voz, e visivel tremor nos membros.

Fr. João escrevia ao seu bofete, quando entrou o sr. Thomé, e recebeu com ar benevolo as zumbaias e genuflexões do milagreiro, fitando nelle os olhos com um certo geito, que o deveria consternar, se acaso percebesse; mas o riso aberto que estava á superficie illaqueou a desconfiança do milagreiro, tranquillisando-o; por isso em quanto o padre mestre concluia o seu trabalho o devoto espraiou pelas encovadas faces um sorriso estulto, arregalou os olhos para o tecto em extasis beato, sumiu os hombros, arqueou o dorso, e deixou-se ficar com o pescoço estendido e o piedoso focinho suspenso, empoleirando a longa ossada sobre os vimes, que por vaidade se atrevia a chamar as suas pernas.

Em quanto o honrado servente entretinha estes ocios forçados em altas cogitações os dedos do procurador voavam pelo papel, e a penna parecia que tinha azas. Nunca a phisionomia de fr. João fôra mais radiosa. Nunca o barretinho de seda preta se inclinou com mais elegancia no occipital descubrindo a testa. Nunca as faces cheias e córadas se animaram de tanta malicia jovial, indicio visivel da sua intima satisfação. O pé bem feito e bem calçado batia o compasso sobre a travessa que ligava os pés da banca; e a mão esquerda, ornada do annel doutoral, tocava cravo, distraída, sobre um maço de cartas e escriptos em que descançava.

A capa nova e lustrosa via-se dobrada com cuidado em cima do espaldar de outra poltrona, irmã gemea da veneranda cadeira do jurisconsulto. Alguns bacamartes de theologia e direito canonico abertos e empoados cercavam a meza, espojados no chão, segundo o uso dos estudiosos. Mais adiante sobre um velador estava o chapeo fradesco escovado com esmero. Estes signaes indicavam que o sabio dominico se dispunha a saír; e mesmo sem se fazer reparo na sege, parada á portaria, bastava notar que fr. João vestira os habitos ricos, para se concluir que projectava uma visita de circumstancia. Thomé, que espreitava tudo pelo canto dos enviusados olhos, principiou a suspeitar que o procurador de S. Domingos estava nomeado confessor de el-rei, e que o chamava para lhe communicar o fausto acontecimento. Quando o prégador pousou a penna e se virou para elle, tossindo com força, e correndo a mão pela fronte, o milagreiro tinha esta idéa assente de pedra e cal no seu espirito.

O frade acabava de cheirar a cauda da sua pitada com as ceremonias do costume, tendendo e enrolando o lenço na palma da mão, eis que se abre a porta da cella, e apparece de repente Diogo de Mendonça Corte Real, precedido pelo cerbero fusco dos seus quartos, o negro Milciades, cujos dentes anavalhados alvejavam descobertos nas contorsões de alegria com que saudava o amigo de seu senhor. O dominico não mostrou admiração com a visita, e apertando a mão do secretario das mercês convidou-o a sentar-se; depois abrindo a caixa offereceu-lhe silenciosamente do seu rapé.

— « Obrigado, fr. João! » disse o ministro tomando posições na ampla poltrona, é muito cedo para espirrar, e bem vês que Milciades está presente. » O preto riu-se, meneou gravemente a cabeça lanigera, e tornou a pôr-se direito como uma estatua de azeviche.

Thomé, que tinha pressa, quiz valer-se do incidente para desertar, e principiava a sumir-se com a parede, segundo o seu costume, em direcção á porta, quando o padre mestre, que o não perdia de vista, o grudou ao sobrado, dizendo-lhe em um tom de perfida benevolencia: « Irmão Thomé espere! Temos muito que fallar. »

— « E eu muito que fazer! » acudiu o diplomata, que fazia debalde todos os esforços para adivinhar a scena que se preparava. « Não me dirás, fr. João, que mania foi a tua de me espantares o somno com o teu bilhete? É morte de homem, ou furto de donzella? »

— « É uma historia que te quero contar para aprenderes a conhecer os homens » replicou o pregador revestindo-se de ar solemne, e expectorando as palavras com inflexão particular.

— « Ah, meu padre, Deus te perdoe as duas horas de somno que me roubaste. O mundo vê-se melhor com os olhos fechados... »

— « Querias dizer a justiça? » interrompeu o dominico sorrindo. « Ora bem. Em me ouvindo acredito que dás o incommodo por bem pago. O padre Ventura contou-me a historia de certos papeis de estado que te desappareceram de um cofre de segredo... »

— « É verdade. Mas não sei para que te veio inquietar com isso. Sabes, fr. João, que os frades são como as mulheres, curiosos e falladores? Para que vestem elles sáias! »

— « Agradeço-te, e não aceito o cumprimento! O padre Ventura, tu que o conheces, devias saber que é pouco atreito a fallar de balde; portanto, se me contou o caso do segredo de estado foi para dizer a maneira engenhosa com que um servo de Deus te ia mettendo pelos alçapões da torre abaixo! »

Diogo de Mendonça levantou-se com certo alvoroço, e mandou saír Milciades. Thomé das Chagas, que as palavras de fr. João tinham posto côr de laranja e com os cabellos em pé na esguia cabeça como espinhos, tractou de se esquivar atraz do preto; porém o dominico estendeu a mão para elle, e collou-o á parede traspassando-o com o sorriso ferino, e com estas palavras que lhe disse: — « Jesus que pressa, irmão Thomé! não vê que ainda havemos de conversar? »

— « Fr. João » exclamava o ministro passeando inquieto « sabes que é um negocio serio, e que podia custar-me a cabeça? »

— « Tão serio que Roque Monteiro Paim deu por elle tresentas moedas, e dava mil se lhas pedissem! » respondeu o frade recostado e assoando-se com estrepito.

— « Ah! E a prova? » gritou o secretario estremecendo, e com a mão suspensa como se quizesse colher o seu emulo e soffocal-o. « Dá-me as provas disso; um fio só que seja do labyrinto, e juro... »

— « Não jures; não é preciso. Temos tudo sem sahir daqui. O irmão Thomé que nos ouve já fez maiores milagres. Pergunta-lhe; e ha de contar-te como tudo se passou... »

— « Thomé das Chagas? » gritou Diogo de Mendonça cravando os olhos com pasmo no devoto assombrado.

— « Sim! Ou Onofre Crespo — o nome não importa á cousa. Em todo o caso é o nosso honrado servente e sachristão. Que diamante bruto que tinhamos sem lhe saber do valor! Meu amigo, tu e eu, fomos vendidos, e mais baratos do que negros. Judas andava na companhia de Jesus! »

— « Ah! » murmurou o diplomata cahindo na cadeira com o rosto cheio de verdadeiro espanto.

O milagreiro, que tambem não duvidava já de ter chegado á ultima das suas aventuras, embainhou-se pelo gibão abaixo como um oculo de campanha pelo estojo.

O frade saboreava com deleite o assombro do ministro, e o terror do santanario. O odio, que uma communidade inteira póde votar aos dispenseiros e aos prelados, que lhe sizam as rações, fuzilou nos seus olhos, e veio illuminar-lhe as faces. O deploravel papel, que representara no gabinete de Diogo de Mendonça, lendo a petição ao padre Ventura e achando uma copia exacta na mão deste, foi sempre um punhal que lhe ficou nas entranhas, e uma affronta para a qual dez Thomés das Chagas, ardendo em fogo lento, lhe não pareciam sufficiente expiação. Para mitigar as dores do orgulho offendido é que tinha chamado o secretario das mercês; a duplicidade do santão a respeito do diplomata, e a boa fé do ministro a par da sua credulidade, consolavam-n'o de algum modo ácerca da cilada, em que fôra apanhado. Com rasão. Aonde cahira um homem da sagacidade de Diogo de Mendonça podia sem desdouro tropeçar e ser colhido um padre, mais dado aos livros do que aos enredos politicos e aos laços mundanos.

— « Não perca animo, sr. Thomé! » disse o procurador, dardejando um olhar mortifero ao bonzo descoroçoado « Uma pessoa do seu merecimento não estonteia assim. Se as suas boas obras se limitassem a escarnecer da minha simplicidade e a adormecer-me que nem uma creança com os mexericos e invenções da virtuosa serva de Deus, que o ajuda a despir o proximo, perdoava-lhe até o espectaculo de irrisão que deu em mim aos inimigos de Deus e desta santa casa. Mas v. mercê não se contentou com tão pouco. Ao sr. Diogo de Mendonça roubou-lhe uns papeis, cuja falta accusada por falsos emulos o arruinava para sempre. Ao commendador Lourenço Telles e ao capitão Jeronymo Guerreiro, não descançou em quanto não metteu a desgraça em casa de um e a desesperação na alma do outro. Sr. Diogo de Mendonça, esta figura que vê foi o auctor do roubo da prata de Evora, o denunciante das minhas allegações, o ladrão dos seus papeis, e o fautor do que succedeu no jardim do

nosso amigo Lourenço Telles. Dez cabeças que tivesse toda a justiça devia decepar-lhe! »

O epiphonema foi pronunciado com tal explosão de voz que o devoto mudo de susto sentiu na garganta uma dôr de ferro frio, e levou a mão ao pescoço como para o segurar contra a decapitação oral do frade. O ministro, que escutára attentamente, seguia com a vista os movimentos do andador das almas, e com a reflexão um plano suscitado de repente. Quando o procurador, enterrando os braços na manga até o cotovello, e tomando a respiração, concluiu o discurso, Diogo de Mendonça levantou-se, endireitou com socego a tira e os punhos, e disse com o seu ar jocoserio do costume:

— « Tens rasão, padre mestre. O sr. Thomé para a sua edade parece-me que dá grandes esperanças. Ninguem se fórma em menos tempo. É preciso procurar uma encadernação de gosto para tão completa encyclopedia de vicios. Aos cincoenta annos acho-o capaz de envenenar as fontes. »

O devoto ainda teve maior medo da serenidade do secretario das mercês, do que das imprecações apopleticas do frade jurisconsulto. Percebeu que os jesuitas o tinham entregado; mas não achava entre as suas numerosas virtudes aquella a que devia premio não esperado. O rosto, torcido e verde-fullo, arrepiava-se de insultos nervosos que o não tornavam agradavel; a bocca sabia-lhe a fel; e apezar dos frios de dezembro a pelle de pergaminho, grudada aos queixos, borbulhava em suor, fazendo-se cada vez mais livida. Neste apuro deitou um olhar sonegado para a porta, porém viu-a fechada; correu a vista depois pela janella; porém, occorreu-lhe que sahir por ella sem azas seria o mesmo que saltar das torres da sé abaixo. Amaldiçoando a cubiça, que o mettia em tão desditosa gargalheira de ferro, resolveu-se a negar tudo, e não podendo, a vender os jesuitas se com isso conseguisse evitar uma visita aos carceres do santo officio.

Entretanto Diogo de Mendonça media-o e admirava-o como se fosse um animal curioso. O aprumo, a dissimulação, e a hypocrisia estanhada com que elle representára o seu papel sem nunca se desmanchar, atrahiam-lhe o secreto louvor do ministro, habil em conhecer e aproveitar os homens, mesmo os mais ruins. Voltando-se para o dominico, que neste meio tempo estava juntando os maços de cartas, dispostos em cima da meza, o secretario disse-lhe:

— « Ia apostar, fr. João, que tens debaixo dos dedos um processo prompto, e que o sr. Thomé das Chagas é o heroe delle? Vejamos! Deram-te os papeis do roubo da prata em Evora? »

— « Eil-os! Mandou-m'os o padre Simões, que foi mestre deste... honrado servo de Deus; e que em recompensa elle deixou nú como Adão no paraiso depois do peccado original... »

— « Deixa as comparações biblicas, fr. João! Causas-me frio com o teu Adão nú, olha que estamos em dezembro. Perdoa a curiosidade! E a historia da segunda edição dos teus libellos forenses? Não me farás o favor de a contar? Depois saberei o engenhoso methodo, com que o sr. Thomé teve a bondade de me limpar os cofres, e devassar os segredos. Cada cousa por sua vez! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.

O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biograficos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

*

Ha poucos dias ainda encontramos, casualmente, em uma das principaes ruas da capital, uma carteira de marroquim encarnado, que immediatamente suposemos perdida.

Durante uma semana lêmos com avidez as magras columnas de annuncios dos diversos jornaes politicos, e nem com 'alviçaras' nem sequer com a simples declaração da perda podemos deparar. É decorrido um mez depois do meu achado, e hoje considero-me, erradamente talvez, legitimo proprietario não da carteira, que essa não chega a valer o incommodo que tive em a apanhar, mas das considerações manuscriptas que nella se liam, e de que hoje, embora peze a moralistas e homens de lei, me considero como edictor legal.

Para descargo da minha consciencia, e para não ser de futuro incommodado pela policia, ou pelos herdeiros do honrado burguez auctor das linhas que se vão seguir, declaro debaixo de palavra de honra, que nada mais encontrei na carteira que um accaso trouxe ás minhas mãos nem digno de polemica e menos ainda de litigio, do que a narração fiel das seguintes 'impressões de viagem.'

Obrigado ainda, por escrupulos, talvez exage-

rados, a fazer um minucioso inventario dos objectos achados na *minha* carteira, cumpre-me pedir aqui desculpa aos leitores de lhes tomar o tempo apresentando-lhes uma lista menos farta do que a de qualquer casa de pasto, mais verdadeira que a de qualquer eleitor, de menor alcance e valia que a lista da misericordia.

Se me não receiase da falta de pratica no assumpto, era chegado o momento de me arriscar a um leilão. Agora gritam as más linguas que me denunciei fallando em leilão, e eu persisto em teimar que só a monomania das antiguidades poderia dar um tal ou qual valor de estimação aos objectos que indignamente acompanhavam as philosophicas cogitações do meu heroe.

Para entrarmos com boa fé nas explicações, deve o leitor partir do principio que a carteira não tinha valor possivel. Abro-a aqui affoitamente diante de todos, e digam-me depois se ha quem queira gratuitamente acceitar de trespasse os objectos que ella continha.

Um lapis vermelho, um canivete com a folha partida, e um bocado de gomma elastica quasi imperceptivel, denunciam as tendencias do meu heroe para escriptor publico, mas não lhe augmentam nem de um ceitil a fortuna, nem tornam invejavel a situação do nosso philosopho incognito. Uma pouca de camphora entornada fizeram-nos suppor raspalhista o dono primitivo da carteira, e tres ou quatro tisnadas pontas de cigarro um infeliz mas fiel consumidor do Contracto do Tabaco. Enumeradas assim todas as riquezas do meu Rousseau, apontadas por simbolos as tendencias do meu Jeronymo Paturot, não é de estranhar que eu me aproprie das suas investigações, e que, editor fortuito de um philosopho intenda do meu dever suppor um nome ao autor desta historia, e reconstruir com elementos dispersos e desconnexos a biographia provavel deste historiador de trapeira.

Admiram-se? Desde os homens illustres de Plutarcho até ao mais reles regedor de parochia já não é licito a ninguem viver sem biographia, nem morrer quieta e socegadamente em sua casa sem que meia duzia de calumniadoras necrologias o acompanhem á ultima morada! O homem que escreveu os capitulos que se vão lêr escreveu só isto, e não escreveu grande coisa. Modesto e sem pertenções, a sua reputação litteraria atirou literalmente com ella á lama das ruas. Velhaco como um editor, para que hei de eu juntar em cima da velhacaria a imperdoavel maldade destes apontamentos biographicos? Pago como já disse um tributo á monomania do seculo.

Escrever hoje não significa nada. O que a todos importa, o que todos desejam hoje, é como as velhas antigas de soalheiro saber as vidas dos visinhos, e contal-as depois nas praças publicas da imprensa, embora desfiguradas e calumniosas. A ascendencia das biographias não é, nem póde ser outra. Gulliver e Fernão Mendes mentiam de longe. Hoje a mentira já não é peccado, mente-se affoitamente cara a cara, os mais chãos chamam-lhe sophisma, os outros sáem da sua terra, e quando voltam e faltam a um dos mandamentos da lei de Deus, dizem que *fazem espirito*, e poem-se assim prudentemente fóra da lettra do Evangelho.

Ingenuamente aqui declaro que não sophismo, nem pertendo *fazer espirito*. Já disse que a biographia do autor deste escripto era rastejada por conjecturas. Não conheci nunca o homem, e como todos os biographos passados e presentes, é com o que elle deixou escripto que procurarei recompor o seu modo provavel de viver e crer.

Escuso dizer que hei de mentir por força. Se a lettra redonda fosse o daguerreotypo do coração dos autores a censura previa nunca teria existido. Infelizmente não acontece assim, e um livro raras vezes é espelho em que o auctor se possa mirar sem se ver com as feições demudadas.

Depois deste exordio que de certo não conseguiu prender a attenção do leitor, esquivar-me-hei quanto poder a ser retratista, para que não aconteça offender com o retrato a possivel vaidade do autor a quem Quasimodo apertaria cordealmente a mão, que Esopo, Adonis neste momento, talvez relutasse em estreitar nas suas.

*

Se o leitor espera ouvir um grande nome litterario engana-se de meio a meio. Porque um philosopho se chamou Descartes não é rasão bastante para que um outro se não chame *João Fernandes*. Neste caso a antithese do Cesar não é ironica nem calculada.

Dadas estas explicações, seguem-se na ordem natural das biographias os titulos e cargos publicos das resignadas victimas da lettra redonda. É tambem o que nós faremos.

João Fernandes, que teve a rara consciencia de escrever uma obra que deixou inedita, differençava-se por esse simples facto da turba-multa de escrevinhadores contemporaneos que nascem

piando odes, elegias do proprio credito. Inimigo das Musas, naturalmente pela aversão que tinha ao sexo, o nosso heroe nunca invejou Lamartine, nem sequer se lembrou de fazer a apologia mental de lord Byron.

O livro de aonde estes apontamentos são extraídos era todo escripto em prosa. Descuidado no estylo o auctor merece desculpa, porque sempre se suppoz ao abrigo da propriedade litteraria, e não imaginou nunca que houvesse quem o fizesse martyr, entalando-lhe a reputação n'um prelo, e atirando-lhe com o nome ao pelourinho do folhetim, senão o mais doloroso, pelo menos o mais impertinente caustico das crenças e aspirações de um autor.

Se me atrevi a fazer esta confissão é porque sei que o meu heroe bocejava ao ouvir fallar em folhetins, e que não poucas vezes adormeceu ao le-los. Por isso lhe não quero eu mal!

A data do nascimento do nosso auctor foi-nos impossivel indaga-la, é porém plausivel a conjectura, não de que como Chateaubriand se interposesse gigante entre dois seculos, mas que o seu nascimento fosse marcado pela queda e juramento de duas constituições. O facto é bastante banal para ser apresentado como balisa historica, mas se nos referimos a elle, é porque o nosso heroe, Platão de si mesmo, sonhava republicas domesticas que o positivismo dos credores derribava ao menor aceno official de um beleguim em serviço.

João Fernandes nasceu *infante* e morreu philosopho: foi tudo quanto podemos apurar dos dois grandes actos da sua existencia.

Para que se não levantem futuras discussões, para que a nobiliarchia se não enriqueça com mais um nome, para que a Torre do Tombo não seja incommodada com as pesquizas de algum caturra, indagador de fidalgas ascendencias, declaro alto e bom som, que o auctor desta historia nunca tem a vaidade de se filiar na casa real, e que quando dissemos que nascera infante, queriamos simplesmente dar a entender que viera ao mundo como toda a mais gente, e que nunca invejara a realesa, apesar de não poucas vezes ter cingido a corôa... do martirio.

Obrigado ainda a dizer o modo de vida do auctor destes apontamentos, quasi que me vejo forçado a classifical-o vadio, não porque realmente elle o fosse, mas porque havendo uma lacuna grande nesta biographia, eu, como os mais biographos, só mentindo deslavadamente, posso ligar as decadas da existencia de um homem enigma, e que levou a excentricidade (parece impossivel!) a ponto de nunca ter sido eleitor nem empregado publico!

Os fazedores de sentimentalismo em segunda mão, ainda se não fartaram de repetir até hoje o que elles suppõe uma profunda maxima moral, e que não é por fim de contas mais que uma sediça banalidade: — é rapido o caminho do berço á campa! Sem pertenções a originalidade farei aqui a parodia deste aphorismo: — dos primeiros vagidos de João Fernandes foi rapido o caminho, se até lhe encontrar a carteira de marroquim encarnado!

Ahi tem o leitor como a gente se safa de um comprometimento eminente, e como o que parece um pensamento profundo não chega as mais das vezes a ser uma coisa com senso-commum. Quiz-me desligar de um sermão que ninguem me encommendara, comecei calumniando o auctor, e quando diligenciei salvar-me — *era já tarde* — fiquei um Thiers anão, mal com os meus deveres de editor porém ainda com a minha consciencia de homem!

Perdão, João Fernandes. Eu, Cesar da calumnia, humilho-me diante de ti! E se não soubesse o horror invencivel que tiveste durante a vida ao bom do velho Horacio, era chegado o momento de desfolhar em verso uma saudade á porta do jazigo de que não pagas aluguel, e aonde por felicidade tua não ouves os quotidianos ralhos da mulher vibora, nem as tropelias nocturnas dos visinhos do terceiro andar!

O teu nome, antithese das reputações homericas, nem na campa t'o escreveram! O coveiro, João Fernandes, como tu, nem sequer se lembrou que a enchada nada valia ao pé da penna, e que os prelos que tudo aceitam — até a resurreição dos mortos — te haviam ainda pôr face a face com o ultimo e peior dos agiotas, o vendilhão do lençol em que por esmola te amortalharam!

Bem sei que a tua grande alma despresa estas considerações posthumas, mas os moldes da necrologia ficariam vasios, se estas lagrimas de crocodilo com que no mundo se arma á boa fé dos vivos não fossem humedecer... O que? A campa, essa não, que lá tem os beijos da brisa e os orvalhos frescos da manhã, mas a consciencia do escriptor que negoceia com o cadaver do morto!

Ainda pela ultima vez te peço perdão, meu amigo. Perdoa-me o ter-te fallado nos *beijos da brisa e nos orvalhos da manhã*, quiz poetisar em prosa, e bem sei que o teu caracter orgulhoso

nem assim me perdoaria tamanho abuso de confiança!

Agora, leitor, a minha responsabilidade acaba aqui. O que ides lêr não é meu; apenas procurei dar harmonia a pensamentos soltos, e a decifrar, agora ou logo, phrases inteiras quasi sumidas no original do auctor. Se, o que não espero, houver alguma inconveniencia neste escripto, que se não destinava á imprensa, pódem chamar-me ao jury que me não defenderei.

Por ultimo, resta-me só declarar que os retratos destas ou daquellas mulheres que por ventura possam figurar no decurso desta historia, são retocados por mim. O auctor era antagonista de Legouvé, quando se lhe fallava em mulheres bonitas dizia sempre — sereias!... sereias!... e apesar de bom christão, porque o foi devéras, nunca poude perdoar aos papas que tinham canonisado mulheres! Com precedentes desta ordem, entendi eu que era do meu dever rehabilitar o sexo calumniado por um misantropo. A apreciação benefica deste ou daquelle caracter feminino, foi a unica liberdade que tomei, ampliando este ou aquelle pensamento que o auctor cega e apaixonadamente apresentára com um aspecto mais carregado e sombrio do que devêra.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Nova exposição industrial. — Segundo lemos no *Journal des Debats* a exposição da industria que no mez de maio proximo deverá ter logar em Dublin, capital da Irlanda, feita pelo plano da que se effectuou em Londres, de dia para dia obtem maiores esperanças de conseguir brilhante resultado. As cidades principaes de França, Belgica e Prussia, enviarão seus productos; e o imperador dos francezes, bem como os reis Leopoldo e Frederico Guilherme, prometteram generosamente contribuir com objectos de suas galerias e de suas collecções para o esplendor do novo palacio de christal.

O imperador proporcionou todas as facilidades possiveis para a publicação e circulação de todos os documentos relativos á exposição neste anno. As fabricas imperiaes e as juntas de commercio receberam ordem de transmittir todos os dados necessarios ao vice-consul de Austria em Londres. O imperador, para mostrar o interesse que toma por aquella nova solemnidade da industria, ordenou que todos os objectos, productos, e fazendas que fossem destinadas á mesma gosassem de transporte livre nos caminhos de ferro de todo o territorio austriaco até ás fronteiras da Saxonia.

A Suissa manifesta as mais sollicitas disposições para contribuir á realisação da empreza; e nos Estados-Unidos M. Lawrence que foi ministro em Londres convocou e formou já commissões para organisarem a remessa dos productos da industria americana.

Mas, de todos os trabalhos emprehendidos para preparar a exposição em Dublin, nenhum de certo é mais importante que o de um simples particular. O promotor e auctor principal dos caminhos de ferro na Irlanda, M. Dargan, aggrega novos titulos aos que já tinha á gratidão de seus conterraneos. Deu principio a uma subscripção pessoal para as despezas, a qual monta já a 160 contos de réis da nossa moeda.

Propagação do ensino. — Lê-se no *Correio* de S. Miguel, de 25 de dezembro: — « Domingo passado, 19 do corrente, teve logar, como havia sido annunciado, a reunião da assembléa geral da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel. Foi reeleita a mesma direcção recahindo a presidencia no sr. dr. José Pereira Botelho. Approvou-se o orçamento, no qual se achava incluida uma verba para uma medalha d'oiro que a sociedade unanimemente votou ao sr. Francisco de Bettencourt pelos relevantes serviços por aquelle sr. prestados á mesma sociedade na qualidade de professor d'ensino primario, serviço que espontaneamente presta ha mais de quatro annos, apesar das repetidas instancias do sr. Bettencourt para que esta verba fosse antes applicada para a manutenção das mesmas escolas.

Foi tambem approvada outra verba para a sustentenção de uma escola de musica, a qual regida pelo sr. Antonio Francisco de Miranda existe hoje em actividade e promette bons resultados.

Para melhor se poder fazer face a todas estas verbas, foi resolvido pela assembléa que se levasse a effeito o projectado leilão em beneficio das escolas, de que fallámos em o n.° 273 desta folha. »

Terremoto de Santiago de Cuba. — Esta segunda cidade da rica e commercial Antilha hespanhola, ainda ha pouco, em 20 de agosto ultimo, tinha padecido os graves damnos de um terremoto, e achava-se á data das ultimas noticias infestada por uma epidemia assoladora que ceifava quotidianamente muitas victimas, quando para remate de tantas desgraças repetiu-se o primeiro e tremendo flagello. Em a madrugada do dia 26 de novembro do anno findo pelas 3 horas e 25 minutos em ponto sentiu-se um abalo de terra muito mais violento que o do precedente agosto. Foram muitos os edificios destruidos e ainda maior o numero dos que ficaram sobejamente damnificados, entre estes ameaçam ruina a cathedral, a egreja nova, a de Belencita, o hospital de beneficencia, as cadeias publicas, e o escriptorio de commercio, além de muitas casas e estabelecimantos particulares. O estrago das fazendas foi grande, porém, a perda de vidas era limitada.

Laranja de S. Miguel. — Desde 18 de novembro até 13 de dezembro do anno findo exportaram-se de Ponta Delgada para diversos portos d'Inglaterra 17:683 caixas grandes de laranja e 1:894 pequenas; preço corrente a 2:000 e 2:400 réis a caixa.